



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

A crise do capital e a crise da esquerda: O fundamento da crise no pensamento de Marx e a crise de alternativa

Por: Douglas Rodrigues Barros¹⁰
bozofilobfd@hotmail.com

Resumo

A crise do capital já se arrasta por algum tempo e o horizonte apresenta-se anuviado. O presente artigo visa contribuir para a discussão acerca da falta de alternativa pós-capitalista. Para tanto, busca no escopo teórico de Marx e do pensamento marxiano armar-se criticamente e demonstrar que os desdobramentos do capital geraram uma contradição que arrastou o oceano do social para uma tempestade jamais vista, cujos efeitos estão longe do fim. Busca também deixar claro, que qualquer volta a uma era de crescimento e desenvolvimento social estão de antemão fadada ao fracasso pela própria dinâmica do capitalismo financeiro que surgiu como uma necessidade interna ao capital. Ademais, nesse estudo se discute polemicamente o papel representado pela esquerda nesse turbilhão, papel secundário e até agora ineficiente frente a tormenta e zorra do Deus-mercado.

Palavras chave: crise – valor – mais-valor – capital – trabalho.

Resumo

La krizo de kapitalo daŭras jam dum iom da tempo kaj la horizonto estas prezentita nubeca. Tiu artikolo celas kontribui al la diskuto pri la manko de post-kapitalisma alternativo. Tial ĝi celas la teoria kadro de Marx kaj marksisto pensis armi kritike kaj pruvi ke la kapitalo de disvolviĝoj generita kontraŭdiro kiu trenis la oceano por socia ŝtormo iam vidis, la efikoj de kiuj estas malproksimaj de super. Ĝi ankaŭ serĉas klarigi ke neniu reveno al epoko de kresko kaj socia evoluo estas anticipe kondamnita al fiasko de la dinamiko de financa kapitalismo kiu emerĝis kiel ena neceso al la kapitalo. Krome, ĉi tiu studo analizas la politikan rolon de la maldekstra en tiu ventego, malĉefa rolo kaj tiel ege neefika kontraŭ ŝtormo kaj konfuzo Dio-merkato.

Ŝlosilvortoj: Krizo; Valoro; Plusvaloro; Kapitalo; Laboro.

¹⁰ É mestre em Filosofia pela Universidade Federal Paulista – UNIFESP e Graduado em Filosofia pela mesma instituição.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Abstract:

The crisis of capital has been going on for some time and the horizon is the presented clouded. This article aims to contribute to the discussion about the lack of post-capitalist alternative. Therefore, it seeks the theoretical scope of Marx and Marxist thought arm themselves critically and demonstrate that the capital of the developments generated a contradiction that dragged the ocean for a social storm ever seen, the effects of which are far from over. It also seeks to make clear that any return to an age of growth and social development is in advance doomed to failure by the dynamics of financial capitalism that has emerged as an inner necessity to capital. In addition, this study was controversially discusses the role played by the left in this whirlwind, secondary role and so far ineffective against storm and sled God-market.

Keywords: Crisis; Value; More-value; Capital; Work.

Pois a coragem cresce com a ocasião.
(Shakespeare)

I

Se “as melhores coisas acontecem um pouco antes do fio se romper”, desde meados de 2008, anticapitalistas, capitalistas e trabalhadores do mundo inteiro espreitam ansiosos as reviravoltas e truques matemáticos dos especialistas nos mistérios da economia financeira. Atualmente, por todos os lados, é nítida a percepção de que todas as saídas técnicas de realocar recursos estatais para salvar os bancos e o sistema financeiro, a custo de uma austeridade perversa paga pela população, não tem surtido o resultado esperado de fazer a economia mundial voltar a girar e obter o crescimento na casa dos 3% ao ano. Em outras palavras, o capital tem encontrado barreiras firmes para seu contínuo crescimento e expansão e, é nessas barreiras que a crise se perpetua. Quais barreiras são essas?

Nessa pergunta se oculta não apenas o modo de funcionamento do

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Capital, em suas sutilezas, como também a originalidade desse sistema econômico que é no final das contas, por sua inerente contradição interna, seu próprio sabotador. É perceptível que as chamadas tristemente; “crises cíclicas” do capital tornaram-se nos últimos quarenta anos, mais e mais permanentes. Fato esse que aponta que a crise está irremediavelmente ligada a lógica (ilógica) do capital e seus momentos perturbadores. Não se pode esquecer, contudo que os processos de crises não raras vezes na história fomentaram a reestruturação e contínua expansão do capital, entretanto, algo parece ter se alterado fundamentalmente em seu desenvolvimento nas últimas cinco décadas.

Aparentemente desde meados dos anos 1960 as crises tornaram-se mais rotineiras e agudas em cada momento posterior. É como se o capital momentaneamente se recuperasse para logo depois cair num atoleiro de dívidas e quebras maiores. E isso nos leva a outra pergunta; há limites estruturais e objetivamente existentes, criado pelo próprio capital, que podem impedir sua coevolução?¹¹. Segundo Marx (2008, p.127):

A universalidade a que o capital aspira ininterruptamente defronta-se com obstáculos que encontra na sua própria natureza e que o obrigam a reconhecer-se a si mesmo, numa certa fase do seu desenvolvimento, como obstáculo maior a essa mesma tendência

11. Este termo, retiramos de David Harvey, pois a nosso ver, ele traduz com alguma perspicácia, a totalidade em movimento aberto implicada no mundo da mercadoria. Para o geógrafo, há sete “esferas de atividades” sob a qual o capitalismo se desenvolve. Estas esferas de atividades, não estão de modo algum condicionadas por uma homogeneidade, mas sim por uma heterogeneidade contraditória que reunidas na esfera econômica impulsiona o desenvolvimento do capital. São elas: tecnologias e formas de organização, relações sociais, arranjos institucionais e administrativos, processo de produção e trabalho, relações com a natureza, reprodução da vida cotidiana e concepções mentais de mundo. Ainda segundo Harvey: “nenhuma das esferas é dominante, e nenhuma é independente das outras. Mas também nenhuma delas é determinada nem mesmo coletivamente pelas outras. Cada esfera evolui por conta própria, mas sempre em interação dinâmica com as outras” (Cf. HARVEY, D. **O enigma do capital: e as crises do capitalismo**. São Paulo: Boitempo. 2011 p. 104).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

para universalidade, conduzindo-o, pois, à sua própria abolição.

Pode-se dizer que, atualmente o capital reconhece-se a si mesmo, quando em vias de crise sai da especulação e enxerga sua estrutura diretamente ligada a base concreta de produção. Ou ainda, quando há um choque de realidade no qual se estampa que os ativos de capital fictício e futuro nada valem sem uma produção e reprodução real de riquezas. Nesse sentido, “a crise mais não é do que o violento pôr em prática da unidade das fases do processo de produção, que se autonomizaram uma em face da outra” (MARX, 2008, p. 727). E essa violência determina inclusive o caráter de sua reestruturação, quando se busca desesperadamente verificar e compreender, o descompasso entre a circulação e a produção de mercadorias. Em linhas gerais, alguns limites estruturais de expansão do capital se assentam sobre a insuficiência da taxa de lucro se manter pela impossibilidade de absorção do excedente de capital no mercado.

Por isso, a circulação de mercadorias é um dos pontos principais na dinâmica de produção e reprodução do capital, mas, também é necessário ressaltar, é somente o que se evidencia na superfície. Ponto em que os técnicos da economia gostam de se ancorar e criar suas regras sofisticadas. Na dinâmica interna, porém, a questão é mais complicada, pois, ela evidencia que a crise se origina na própria geração de riquezas concretas. Assim, é na relação de produção e reprodução do *valor* que se pode observar a crise como algo de longa data. Desse modo, retomaremos alguns conceitos da *crítica da economia política* com intuito de tentar compreender porque a crise tornou-se permanente.

II

Para se entender as barreiras erguidas contra o processo de expansão



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

do capital, é preciso retomar a crítica econômica, a mesma que foi escarnecida pelos defensores do Deus-mercado pelo menos até 2008. Nesse período, como vimos, a crise do *subprime* foi somente um retrato da tempestade que se formava e passou despercebido pela maioria dos tecnocratas da economia. Aqui deve-se, contudo, se refletir nas raízes desse processo sistêmico de acumulação; lembremos então que é na troca que se realiza a circulação social do capital. Processo que se efetiva ao transferir as mercadorias daqueles para quem *não* são *valores-de-uso* para aqueles que *são* valores-de-uso. Para que haja a circulação ou mesmo a troca é necessário o desenvolvimento de uma mercadoria especial que é o *equivalente geral* de todas as mercadorias: o dinheiro. O dinheiro que é apenas dinheiro se distingue do dinheiro que é capital, pelo modo como ele se relaciona na esfera da circulação. Enquanto um dinheiro é usado para comprar mercadoria, o outro será usado para se transfigurar em mais dinheiro; a este último chamamos Capital. O resultado final do processo de circulação que o Capital espera que ocorra, consiste em trocar o dinheiro por mais dinheiro. Seu objetivo obsessivo é sempre o de retirar mais dinheiro da circulação do que aquele que se lançou de início. A esse acréscimo sobre o valor que foi lançado, Marx chama de *mais-valor*.

Para que o Capital se estabelecesse historicamente, como o dono da vida, foi necessário um longo acúmulo histórico que o projetou e, nesse sentido, tanto a produção de mercadorias quanto o comércio, constituem as condições históricas que dão origem ao seu processo. Assim, se deve compreender duas coisas inerentes a esse processo: por um lado, o valor-de-uso, no que se refere a compra de bens de consumo, raramente é o objetivo final no regime capitalista, por outro, há um valor-de-uso especial que é capaz de produzir valor e mais-valor, qual seja: o trabalhador.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Foi Marx quem primeiro percebeu que o Capital, como sujeito, reduz toda a atividade humana a seu império ou melhor a sua necessidade de reprodução e expansão. Tal fato transforma o dinheiro, que reduz toda atividade social, em poder social. Assim, no âmbito social o capital é impelido a buscar mais dinheiro numa caçada apaixonada e cega, transferindo o valor da vida para o valor em espécie. Desde já, há um processo de quantificação social que, cada vez mais, tende a uma abstração da realidade concreta. Esse processo deve ter uma diferença quantitativa entre os extremos, quer dizer; entre o dinheiro que se lança inicialmente no mercado, e o dinheiro que dele se retira (Capital). A abstratização se efetiva na relação social imposta pelo capital; ou ainda, pelo modo no qual faz com que os indivíduos se relacionem por seu intermédio. A produção de *valor* e o processo de valorização do Capital é aquilo que, enfim, dá a tônica da vida contemporânea, a redução da vida ao trabalho e a compra de mercadorias constituem a faceta inerente a vida social sob a égide do Capital. Ainda bem que, como diria Goethe: “uma atividade sem limites acaba sempre em bancarrota!”.

Se, como diria Marx (2000, p. 78): “A forma do valor de uma mercadoria assume expressão fora dela, ao manifestar-se como valor de troca”. Essa expressão assumida para além de si mesma tem como prerrogativa que o valor já foi operado, está lá e tem que ser sacralizado no ambiente propício e historicamente necessário, qual seja: o *mercado*. Muito além da obtenção do lucro por meio dos jogos usurários, como ocorre, por exemplo: no comércio, no contrabando, no tráfico ou no empréstimo, a transformação de uma quantia inicial de valor por uma quantia superior só pode ocorrer por razões especiais, ou melhor, através de uma mercadoria especial; uma mercadoria que cria o valor. Sabemos que essa mercadoria especial é a faculdade



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

do trabalho, porque, como diz Marx, diferentemente do trabalho escravo em que se compra o próprio trabalhador, nessa relação o que se compra é a possibilidade desse trabalhador transformar matéria morta em matéria viva para ser lançada em circulação no mercado.

O valor dessa faculdade de trabalho é avaliado como qualquer outra mercadoria, ou seja, segundo os gastos que se tem com sua produção, por isso: “em consequência, a forma simples de valor da mercadoria é também a forma-mercadoria elementar do produto do trabalho, coincidindo, portanto o desenvolvimento da forma-mercadoria (imposta pelo trabalho) com o desenvolvimento da forma valor” (MARX, 2000, p.84). A forma geral do valor surge como obra do mundo das mercadorias que se torna o próprio mundo social. Esse demiurgo chamado valor constitui o agente do processo social e por meio da transformação do dinheiro em mais dinheiro no fim do processo constitui um verdadeiro mediador social. Torna-se, pois, um agente tirânico cujo movimento determina sua reprodução constante isto é, torna-se uma reprodução automática que reverbera por toda a vida social, incluindo aí os sujeitos.

Com efeito, o processo de abstração efetivado pela forma do valor consiste em reduzir os inumeráveis trabalhos contidos na forma mercadoria e equiparar o trabalho efetivado a outra forma mercadoria (o dinheiro). Em outras palavras reduz tudo à uma forma aparente em que se expressa a manifestação geral do trabalho humano abstratamente. Nesse sentido, há uma constatação no mínimo instigante que Marx (2000) faz e que foi de certa maneira desprezada, qual seja: “na circulação do capital esse valor se revela subitamente uma substância que tem um desenvolvimento, um movimento próprio e da qual a mercadoria e o dinheiro são meras formas”.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Uma questão então se agiganta: como o *valor* se revela uma substância que tem seu movimento próprio? Eis aí a afamada (e difamada) metafísica marxiana para os economistas, técnicos e defensores do mercado. Isso porque no pensamento marxiano o valor engloba em si mesmo toda a atividade social, o valor se torna um ente, que reduz todas as nossas ações a seu império. Homogeneiza a todos, passando uma régua abstrata por cima e escarpando por baixo, se torna uma progressão num ritmo cada vez mais rápido, abarca a relação humana no nível social e a torna dependente de sua contínua expansão, torna-se dinheiro em progressão e como tal capital ao buscar para si o mais-valor. Das ilhas do pacífico até o atlântico, o valor exhibe sua força. E sua abstração é pouco palpável para a economia comum, pois:

O procedimento analítico da economia burguesa fragmentou analiticamente em seus elementos a abstrata totalidade da formação social. Marx busca reconstruir essa totalidade como universal concreto. O procedimento analítico da economia burguesa parte do universal abstrato, que decomposto resulta em seus abstratos elementos simples. A mercadoria, o valor, o valor de troca, o valor de uso são elementos deste tipo: Marx parte disto para reconstruir a totalidade concreta da sociedade burguesa. Toda ciência, diz Marx, segue o caminho do abstrato ao concreto; todavia, há ciências que não sabem. A economia burguesa considera poder chegar ao concreto a partir da abstração que, como essência, é o fundamento do concreto. Mas, na realidade, vai do abstrato ao abstrato (KRAHL, 1974, p.22).

III

Sendo assim, já no processo de trabalho, o valor está sendo gerado, e, além disso, é no trabalho onde se produz o seu excedente. Se a criação do valor só é possível com meios de trabalhos organizados e elaborados historicamente, ao valor



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

pertencem também os meios resultantes do trabalho historicamente anterior, quer dizer trabalho morto, cuja expressão ganha forma concretamente em edifícios, fábricas, estradas etc. Dessa forma, as auguras do trabalho morto e abstrato se efetiva, com todo seu dispêndio, por meio da vida que se reduz a ele e se incorpora ao produto produzido, isto é, a mercadoria. O trabalhador como uma máquina vai desvanecendo para que a mercadoria ganhe o mundo. Por isso, o trabalho que desenvolve a mercadoria, torna-se um valor de uso duplo; um, que é o próprio trabalhador e sua faculdade de desenvolver esse produto, e o outro que é a própria mercadoria, obra das mãos do trabalhador.

Sendo a própria mercadoria uma unidade existente entre o valor-de-uso e o valor, o processo de sua produção é determinado pelo trabalho que produz a própria sobrevivência e perenidade do valor e, assim, do capital. A própria manutenção do valor, a sua produção e reprodução social, está diretamente ligada a subsistência do trabalhador e é determinante para manutenção do reino das mercadorias. Pode-se afirmar que entender a categoria trabalho como manutenção e reprodução do capital foi ignorado por grande parte dos marxistas, compactuando inocentemente com a ética do trabalho – tão bem decodificada no pórtico para o inferno de Auschwitz.

O processo de produção sob a égide do Capital se expressa numa atividade complementar, recíproca e inseparável existente entre o processo de trabalho e o processo de produzir valor. Ambos produzem a mercadoria concomitantemente com o *mais-valor*; sendo que, este último se origina quando um excedente quantitativo de trabalho, sua duração prolongada é efetivada e não paga, ou seja, através da expropriação do trabalho não pago. Assim, o capitalista paga ao trabalhador seus meios de subsistência, e parte do que este produz se converte no



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

mais-valor que vai para as mãos do capitalista e que poderá ser reinvestido. Por isso, o decisivo para o capitalista é o valor-de-uso que detém sobre a faculdade do trabalho, pois ela é fonte de valor e de mais-valor.

Por isso, o próprio trabalho é revelado como um fator determinante para a reprodução do valor e por consequência do próprio capital. Além disso, o que se viu é que a humanidade entra na cena social como coadjuvante, pois o que protagoniza as relações na sociedade da mercadoria é a própria mercadoria. O homem reduzido a mercadoria passa então a ser somente motor da produção de valor subjugado pela divisão social do trabalho que adentra até sua medula, numa sociedade em que o fetichismo subverte as relações e põe em marcha a revolução permanente do capital. É necessário ressaltar, entretanto, que se o homem é reduzido a uma mercadoria na sociedade do capital, nem por isso ele é uma mercadoria.¹²

IV

Se, o que fica determinado na circulação de mercadoria é o constante crescimento que o capital deve ter, o capitalismo gera um fenômeno que é a concorrência entre capitalistas. E assim, o capitalista para não perder sua taxa de lucro tem que constantemente reinvestir. A criação de lucro é objetivo central do capitalista que lança sua mercadoria no mercado, porque é o lucro que permite reinvestir uma parte do capital obtido para expandi-lo na compra de novos meios de produção (capital fixo), sobrevivência do próprio capitalista e investimento no mercado de ações. Há então uma faca de dois gumes: de um lado, é necessário reinvestir parte do capital para sobreviver no mercado, de outro, o próprio valor-de-uso especial que é o

12. Retomaremos a seguir esse tema.

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

trabalhador precisa se manter empregado a fim de gerar a circulação dos capitais.

Assim sendo, os reinvestimentos de capitais geram outro fenômeno que foi detectado por Marx, qual seja: o crescimento e expansão da produtividade do trabalho social que se torna a poderosa alavanca da acumulação de capital. É por meio da concentração crescente dos meios de produção e do comando sobre o trabalho, guiado pela lógica concorrencial, que os capitalistas se digladiam e estão sempre prontos para reinvestir uma parte de seus lucros. A batalha que desenvolvem de início, sempre está voltada ao barateamento da mercadoria, mas essa necessariamente tem de ser promovida pelo aumento da produtividade do trabalho com melhores técnicas que a de seus concorrentes. Isso implica de igual modo que para ser recompensador o barateamento da mercadoria, se deve aumentar a escala de produção por meio do desenvolvimento técnico.

Grosso modo, o que se observa hoje é que o aumento da produtividade guiada pelas revoluções internas do capital em seus mecanismos de criação do valor ao longo do século XX, levaram à um decréscimo de trabalho desempenhado pelo homem em relação a massa de produção em movimento transformado pelas máquinas. Assim, com o desenvolvimento tecnológico levado a cabo pelo imperativo da concorrência, a reprodução do valor por meio do trabalho, entra em xeque. A crescente e espantosa automatização da produção criou também a concorrência entre os próprios trabalhadores e fomentou a partir da década de 1970 os lances ideológicos do neoliberalismo.

Com efeito, há uma centralização de capitais que precisam ser reinvestidos. Em primeiro momento se investe na produção, como vimos durante pelo menos até os anos 1960 do século XX, contudo, há limites estruturais para esse



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

investimento direto na produção. Com um grande excedente de capital centralizado na mão de alguns indivíduos (mais ou menos 300 famílias controlam 40% da riqueza do mundo, segundo relatório da ONU de 1996) torna-se mais lucrativo dispersar esse investimento. E assim;

A produção capitalista faz surgir uma força inteiramente nova: o crédito. Este, de início, insinua-se furtivamente como auxiliar modesto da acumulação, e, por meio de fios invisíveis, leva para as mãos de capitalistas isolados ou associados os meios financeiros dispersos, em proporções maiores ou menores, pela sociedade, para logo se tornar uma arma nova e terrível na luta da concorrência e transformar-se, por fim, num imenso mecanismo social de centralização dos capitais (Marx, 2008, p. 458).

Marx pode enxergar com precisão essa nova arma que emergia da acumulação do capital em seus primórdios. “A concorrência e o crédito, as duas poderosas alavancas da centralização, desenvolvem-se na proporção em que se amplia a produção capitalista” (MARX, 2008, p.470), nada mais atual que isso. Com todas as suas contradições, a centralização de capital e seu progresso se autonomizam “do incremento positivo de capital social”. Nada pode garantir que os reinvestimentos feitos pelo capitalista estejam ligados diretamente na expansão da produção, entretanto se isso não acontece, o capital deixa de “gerar e internalizar a sua própria demanda efetiva” (HARVEY, 2011, p.96), seguindo-se uma crise como a iniciada em 2008. O resultado dessa lógica é o crescimento do famoso *exército de reserva*, termo alcunhado por Marx, que no início do século XXI impõe a muitos trabalhadores as áreas precarizadas do trabalho e o constante crescimento e expansão do processo de terceirização no Brasil.

Durante o século XX os resultados do processo de acumulação



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

transformaram os meios de produção radicalmente, a grande produtividade levada a termo pela modernização do capital, aumentou continuamente os meios tecnológicos e reduziu drasticamente o dispêndio gasto com a força de trabalho, o que tornou as esferas de subconsumo pouco viáveis para absorção do capital excedente. A consequência foi um mundo em que o montante de capital é altíssimo e como foi muito bem observado por Harvey (2011) gera mudanças drásticas na geografia mundial e na topografia do espírito humano. O capital impulsionado pela ânsia de crescimento e reprodução mudou drasticamente a relação social existente entre capital e trabalho e a questão da crise se revela agora um pouco mais aguda.

Com efeito, a partir do momento em que o dispêndio de trabalho passa a constituir-se cada vez mais como mero apêndice da forma valor, devido ao fato de que “aumentando e acelerando os efeitos da acumulação, a centralização amplia e acelera ao mesmo tempo as transformações na composição técnica do capital, as quais aumentam a parte constante à custa da parte variável, reduzindo a procura relativa do trabalho” (MARX, 2000, p.597), o que se vê, é que os retornos da taxa de lucro dos reinvestimentos capitalistas na esfera da circulação estão minados. Entendamos rapidamente o porquê?

V

A crise iniciada em 2008 mantém um caráter inédito graças, entre outros motivos, ao desenvolvimento técnico e a expansão global do capital. O fenômeno da globalização impõe um limite natural, porque geográfico, a expansão e manutenção da taxa de crescimento de capitais, a tecnologia por sua vez, impõe um limite social ao trabalho como fonte de manutenção do consumo e processo de

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

circulação de mercadorias.

A economia burguesa, como lhe é comum, cria mecanismos frívolos para convencer das benesses e perenidade do capital. As autonomizações dos mercados financeiros, assim como o abandono do padrão-ouro pelo dólar ainda em 1971, dão sinais de que o processo de acumulação como um círculo que se expande se deparou com uma barreira difícil de se contornar. Entretanto, o que se teve, foi uma celebração. Isso porque na aparência, com a abertura de créditos, o dinheiro pode se multiplicar mais rapidamente que o trabalho e sua consequente produção: “o juro monetário, em que na aparência se passa diretamente do dinheiro a uma quantidade superior de dinheiro (D-D’[...]), torna-se na consciência comum a verdadeira forma de lucro – apesar de se tratar somente de uma dedução operada sobre o lucro obtido na produção” (JAPPE, 2006, p.148). Nesse sentido, adentramos no mundo da especulação financeira que cada vez mais fora autonomizada da acumulação real. Destacado da produção real, a acumulação de capital tornou-se fictícia e o seu caráter abstrato se sobressaiu sobre seu caráter concreto de geração e produção de riquezas. Assim, se iniciou um jogo de mistérios em que os economistas cada vez mais criaram fórmulas matemáticas sofisticadas que não fora capaz, entretanto, de prever a aproximação da crise; um empurrar para o futuro a própria desagregação econômica, semeada e agora colhida, pelas próprias contradições e desenvolvimentos do capital; um abismo entre a produção real e efetiva, que a muito se estagnou pelo desenvolvimento tecnológico e a fórmula mágica de multiplicar dinheiro sem valor através muitas vezes das oscilações dos câmbios.

Tudo isso culminou na bolha imobiliária nos EUA que arrastou a economia mundial para o atoleiro da crise. Como um jogo de cartas assistiu-se no



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

outono de 2008 a queda sequencial dos grandes bancos de investimento em Wall Street. Quando o Lehman Brothers ruiu sob a ficção solenemente produzida e vivida por seus investidores apresentou-se uma nova esquina da história do Capital. Além dos aspectos materialmente traumáticos da crise – como a expulsão de famílias inteiras de seus lares que não podiam pagar suas hipotecas – ela pôde ser vista também como a quebra da ideologia dominante. E a ideologia no sentido aqui expresso¹³, não deve ser entendida simplesmente como uma falácia ou como um olhar turvo e invertido, mas, pelo contrário, como aquilo que constituiu milhares de vida, sonhos e planos, pelo menos nos últimos quarenta anos.

“As ideias”, já dizia Marx, “são uma força material”, e, é sob essa força que se movimentou muitas almas na ilusão de que tudo continuaria como estava. O neoliberalismo foi aquilo que adentrou as mentes e corações, formulou currículos escolares, ditou as formas de emprego, ganhou a universidade e penetrou nas nossas mais íntimas relações. Ou seja, moldou nossa realidade, inclusive geográfica de acordo com o capital financeiro e a necessidade de absorção do “excesso de liquidez”.

A crise, no entanto, solapou o otimismo dos investidores, acabou com

13. Segundo Žižek: “o conceito de ideologia deve ser desvinculado da problemática “representativista”: a ideologia nada tem a ver com a “ilusão”, com uma representação equivocada e distorcida de seu conteúdo social” (In: Žižek S. *O Mapa da Ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010 p. 31). Em termos simplórios, podemos analisar como essa ideologia é apresentada pelo cinema hollywoodiano. Em um dos últimos filmes catastróficos: 2012, a presença da ideologia dominante é tão grande que é responsabilidade do personagem principal do filme salvar sua família nuclear. Ao descobrir a catástrofe iminente, na qual os grandes acionistas do mundo inteiro já se salvaram por comprar seu lugar na Arca. O herói do filme tenta salvar-se a si mesmo e a sua família, sendo sua única responsabilidade essa tentativa. Ai já está perdido todo lastro social e o individualismo é imperante. Não por acaso, a arca de salvação dos capitalistas partirá da China, o mesmo lugar responsável por forçar com o excedente de capital poupado os Estados Unidos a financiarem pelo déficit sua tentativa de sair das dificuldades financeiras. E nesse filme, o capital se revela em sua verdadeira faceta, sintetizada na famosa frase: *après moi le deluge*. Entretanto, o desdobramento no fim é ainda mais assustador. Não bastasse os despossuídos seguirem a mesma ideologia que os grandes capitalistas, ao final o mundo acaba, mas o capital triunfa!



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

o horizonte crescente dos planejamentos familiares e dinamitou os direitos que muitos acreditavam ser sólidos nas democracias ocidentais. Mas, como dizia Hegel, uma forma morta mantém sua aparência por muito tempo e, assim, a teologia neoliberal se mantém com uma força em certa medida garantida pelos meios de comunicação e pela institucionalidade. O horizonte de emancipação se apresenta anuviado, e as medidas dos especialistas tem se demonstrado falhas, levando Estados inteiros a se leiloarem a fim de arrecadarem de volta o que entregaram, de mão beijada, para a iniciativa financeira e os bancos. Enquanto isso, mais e mais trabalhadores das regiões afetadas pela crise são postos no que Marx chamava de *exército de reserva*; exército que agora está se amontoando nas ruas do Brasil ou em subempregos.

A crise cuja raiz de sua atual forma está vinculada ao próprio desenvolvimento do capitalismo durante todo o século XX, pegou grande parte da esquerda europeia e da América do Sul desprevenida. Com raízes no interior da dinâmica capital/trabalho, a economia em declínio se vê impotente de absorver a mão de obra excedente, e por isso uma das saídas mais fáceis para esquerda é o keynesianismo com nova roupagem. O ideário aí baseia-se na noção de que a globalização e o neoliberalismo não são resultados da lógica do desenvolvimento do capital. Por isso, para estes, a defesa do papel do Estado e das instituições terá como consequência o pleno emprego, a dinamização do consumo fomentando o acesso e a inclusão de parte da classe trabalhadora.

Se, é verdade que o neoliberalismo foi efetivado em meio a um consenso, como reflete Emir Sader¹⁴, ela não é toda a verdade, pois desde a mudança do padrão ouro para o dólar em 1970, a saída do capital foi sempre a especulação; uma

14. SADER, E. **A vingança da História**. São Paulo: Boitempo, 2007.



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

tentativa de jogar para frente a crise, por não haver mais capacidade de absorção da demanda de riqueza produzida. Assim, desliga-se da real produção de riqueza para lucrar através da especulação pela taxa de juros e os financiamentos em setores estratégicos. O neoliberalismo, dessa forma, entra como possibilidade de tomada de lugares estratégicos do antigo Estado de bem-estar social para que haja possibilidade de investimentos, com margem de lucro alta pelos manipuladores do mercado financeiro. Isso significa que, embora, haja um projeto político e ideológico no neoliberalismo balizado pelo consenso de Washington, ele só existe por uma necessidade imposta pelo capital e não ao contrário. A retomada do desenvolvimentismo por parte da esquerda trabalhista revela-se, portanto, como um véu de maia, pois, o Brasil não apenas está inserido na economia global, como é joguete nas vacilações e oscilações do capital; Parte dessa esquerda trabalhista enxerga a “alternativa”, no enquadramento da economia por intermédio de reformas de corte keynesiano e um papel preponderante do Estado. Ignoram, contudo, que parte das políticas trabalhistas no Brasil defendem técnicas obsoletas – que lembram a primeira fase da revolução industrial – somente para que os empregos sejam garantidos. Ignoram que são as novas tecnologias que diminuíram o trabalho necessário para a produção de diversos tipos de bens. E, ignoram também, que o Estado sempre se revelou como o balcão predileto de negócios para a burguesia. Buscam, assim, defender um Estado de bem estar social dentro da ordem vigente e tentam reacionar o capital como se a história pudesse voltar atrás.

Embora se torne dolorosamente óbvio que as alternativas do capital hoje se limitam cada vez mais a flutuações manipuladoras entre variedades de keynesianismo e monetarismo, com movimentos oscilatórios cada vez menos eficazes, perigosamente tendentes ao “repouso absoluto” de uma contínua depressão, a recusa socialista à



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

falta de alternativa deve ser positivamente articulada com objetivos intermediários, cuja realização possa promover avanços estratégicos no sistema a ser substituídos, mesmo que apenas parciais num primeiro momento. (MESZÁROS, 2009, p. 817)

O problema é que parte desse keynesianismo estabelece uma disputa que fica entre um capitalismo neoliberal, maligno e etc., e outro de “rosto humano”. Assim sendo, a defesa das instituições por parte dessa esquerda, ao invés de levar para uma alternativa de emancipação, levou para uma alternativa mesmo a contragosto de tentar salvar o capital e a institucionalidade.

Com tudo isso exposto parece-nos que o caráter da atual crise é radicalmente original, não apenas porque todas as saídas dadas pelos técnicos estão falhando, como também, porque coloca um impasse original para esquerda global. A falta de alternativa vislumbrada pelos “indignados” se efetivou justamente pela crença nas ideias dominante e na teologia neoliberal que conduziu parte da intelectualidade de esquerda até pelo menos 2008. No entanto, o pensamento crítico clássico novamente mostra sua força e volta a sobrevoar como um espectro na Europa e, o que alguns anos atrás pareceria impossível, nos EUA, o que isso constituirá como alternativa ao modo de produção capitalista ainda é uma incógnita...

Referências

- HARVEY, D. **O enigma do capital: e as crises do capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2011.
- JAPPE, A. **As aventuras da mercadoria: para uma nova crítica do valor**. Lisboa: Antígona: 2006.
- KRAHL, H-J. “La introducción de 1857 de Marx” In Marx, K. **Introducción general a la crítica de la economía política/1857**. Córdoba: Cuadernos de pasado y presente. 1974.
- MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004.
- _____. **O Capital: crítica da economia política**. Rio de Janeiro: Civilização



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Brasileira, 2008. (Livro I).

MARX & ENGELS. **A ideologia alemã** . São Paulo: Boitempo, 2007.

MESZÁROS, I. **Para além do capital** . São Paulo: Boitempo, 2009.

SADER, E. **A vingança da História** . São Paulo: Boitempo, 2007.

ŽIŽEK, S. **O Mapa da Ideologia** . Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.